

**PRÁTICA EDUCACIONAL NÃO FORMAL: DISCUTINDO O
PROBLEMA SOCIOAMBIENTAL DO USO DA TERRA E PRODUÇÃO
DE ALIMENTOS**

**NON FORMAL EDUCATIONAL
PRACTICE: DISCUSSING THE ENVIRONMENTAL
PROBLEM OF LAND USE AND FOOD PRODUCTION**

Autor: Edith Ester Zago de Mello (edith.ester@hotmail.com)

Universidade Estadual de Londrina/UEL

Agência financiadora: CNPq – PDE/PIBID

Co-autor(es): Rafael Terra (rafaconi@gmail.com) Vera Lucia Bahl Oliveira
(verabahl@sercomtel.com.br)

Universidade Estadual de Londrina/UEL

Agência financiadora: CNPq – PDE/PIBID

Resumo: Na década de 40 o modo de produção agrícola começa a sofrer grandes alterações, mudando o rumo da agricultura mundial, principalmente dos países em desenvolvimento, desencadeando diversos problemas enraizados a este método de produção alimentar como êxodo rural, diminuição da biodiversidade pelo alto grau de desmatamento, poluição e empobrecimento do solo e da água devido ao uso de agrotóxicos, favorecimento de monoculturas, insurgência de latifúndios, produção de alimentos visando à exportação desfavorecendo as economias locais, enfim, o pacote chamado “revolução verde”. Neste contexto se faz necessário a elaboração de um novo método de produção. Acreditamos que essa mudança só será possível aliada a propostas educativas que possam trazer formas de problematizar as questões relacionadas à terra, para uma melhor compreensão da realidade. Uma proposta de prática não formal condizente com este processo é a ecopedagogia, por se pautar no desenvolvimento da sensação de pertencimento à natureza e de interconexão da vida procurando desenvolver capacidades que são sufocadas pela sociedade consumista, tal qual compreender e recriar o novo contexto socioambiental, de relacionar a ecologia do eu com as exigências de uma cidadania ambiental e a de sentir e expressar a vida e a realidade como deve ser sentida e vivida.

Palavras-chave: Agricultura, educação não-formal, ecopedagogia

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Abstract: In the 40 the food production starts to undergo major changes that completely changed the direction of the world agriculture, especially in developing countries, triggering a range of problems such as rural exodus, loss of biodiversity, soil and water pollution because of agrototoxic use, production in monoculture, estates insurgency, food production aimed for exporting disadvantaging local economies, the package called "green revolution". In this context it is necessary to build a new production method. We believe this change is only possible if allied to educational proposals that can question the nowadays methods creating a ecological dialogue. A non-formal educational proposal consistent with this idea is ecopedagogy, the development of the sense of belonging to nature and the interconnectedness of life trying to create acts that are suffocated by the consumer society in which we live, these acts are capabilities to understand and recreate the new socio-environmental context, to relate the ecology of the self with the requirements of environmental citizenship and to feel and express the life and reality as it should be felt and experienced.

Keywords: Agriculture, non-formal education, ecopedagogy

1 Introdução

A maneira como a sociedade e seu modelo econômico-político-ideológico atual encara a educação formal como única e legítima formação profissional dos sujeitos, objetivando somente incluí-los como força de trabalho no setor produtivo, gera uma sistemática massificação do ensino e desarticulação dos meios educacionais com a sociedade e o ambiente. O movimento central da educação elitista é o de especializar os sujeitos em um pensar e agir individual em determinado campo de atividade, fechando os horizontes de sentido para o aprendizado como cultivo coletivo que leve em conta a totalidade, acabando assim com as chances do educando ver-se como sujeito no processo de produção do conhecimento.

A educação como prática de liberdade aqui pretendida entende que, a geração da autonomia para o desenvolvimento de uma consciência crítica através de uma consciência histórica é fator determinante na superação da opressão e desigualdades sociais. Para tanto a educação deve permitir que as classes populares possam elas mesmas terem a capacidade de elaborar seus próprios conhecimentos, apropriando-se de maneira ordenada e progressiva do conhecimento científico, tornando-o mais próximo da realidade para poder impulsionar ações até sua transformação. Neste sentido torna-se imprescindível a criação de espaços de encontro e diálogo que podem ser anunciados como abertura para um movimento coletivo de conhecer e compreender profundamente a sociedade, suas contradições e incoerências no processo histórico que as assentaram. Romper com ele e instituir o novo, como horizonte futuro, retomando os

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

sentires dos sujeitos coletivos como espaço próprio de produção e organização de uma nova ordem social.

A educação assim deve responder às exigências da realidade em que vivemos, não de uma ordem social imposta. Deve partir de uma realidade imediata, da vida cotidiana, de suas situações, desafios e circunstâncias concretas sobre as quais os sujeitos refletem e sobre as quais podem atuar efetivamente, sendo esta realidade o principal quadro de referência para seu pensamento e ação. Ao mesmo tempo, como um dos principais esforços, organizar o programa educativo para vincular esta realidade imediata com uma realidade nacional, vinculando o particular com o geral, a vida cotidiana com um projeto histórico, por meio de uma estratégia que articule os conteúdos, temas, modalidades e etapas do processo educativo em uma perspectiva transformadora.

Para uma real compreensão da realidade é preciso iniciar o processo de conhecimento, este tem como ponto de partida à prática social, sendo ela a base da teoria e a teoria a ferramenta para repensar e reconstruir a prática. A estratégia educativa do projeto como um todo partirá destes preceitos, em uma estrutura metodológica geral que orientará a construção das práticas específicas, toda a lógica em que o processo de conhecimento será trabalhado partirá de princípios educativos bem definidos, tendo a partir deles o desenvolvimento do conjunto de elementos que darão ordem e coerência ao trabalho, sendo, portanto, a concepção metodológica do projeto.

1.1 Princípios e Fundamentos

Aqui estão listados os princípios educacionais utilizados e levados em consideração para a realização das atividades práticas. Temos como base, então o desenvolvimento de uma educação...

... comprometida em desenvolver a autonomia da capacidade criadora do ser humano e sua inserção no mundo como sujeito de sua busca.

... que promova a consciência crítica através de um constante ato de desvelar a realidade. Tal realidade que, não sendo alheia aos educandos, se apresente como problema a ser investigado e compreendido na sua totalidade, em um movimento de reflexão que gere um pensar autêntico intencionado ao mundo.

... como prática de liberdade que, superando a contradição das relações rígidas e autoritárias entre educador e educando, estabeleça o diálogo e a comunicação na busca por uma aprendizagem plena.

... comprometida com a mudança, que identifica a realidade como processo e o homem, ser inconcluso - consciente de sua

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

inconclusão, sujeito de seu próprio movimento de ação-reflexão sobre o mundo para transformá-lo.

... que se apóie em fontes ricas de aprendizagem com sentido a partir da vida cotidiana, envolvendo o educando vivencial e experiencialmente em sua construção pessoal e social.

... em constante reconstrução, que compartilhe recursos pedagógicos para a promoção de uma atitude de aprendizagem produtiva através da inter-relação entre processo e produtos, encontrando na expressividade criativa a satisfação consciente da produção obtida e gere compromisso com o auto-aprendizado.

... que amplie o acesso ao conhecimento, colocando-o a serviço da emancipação humana, que denuncie uma realidade desumanizante e anuncie uma realidade em que os homens podem “ser mais”. (GADOTTI, Moacir 1999).

2 Uso da terra e produção de alimentos

O propósito central da inclusão do tema “uso de terra e produção de alimentos” na ação educativa dentro do contexto de ciências naturais é gerar um senso crítico ampliado em relação às problemáticas ambientais atuais que acercam esse tema, podendo este ser trabalhado de forma basal para ancorar conceitos de ecologia, botânica, zoologia, microbiologia, saúde, bioquímica entre outros de uma forma significativa através de atividades práticas. A preocupação com o destino do nosso planeta deve então ser inserida de forma crítica, onde as formas de produção alternativas servirão de exemplo real e vivenciado para mudanças de hábito. Contrapondo ao modelo convencional de produção de alimentos, a agroecologia ganha destaque em nosso trabalho como forma de produção alternativa.

As contradições existentes no modo de produção agrícola atual, são resultados de um processo histórico de transformações na sociedade contemporânea, onde as formas de produção e reprodução dos bens de consumo são orientadas pelo ideal capitalista. A agricultura moderna surgiu a partir da apropriação das atividades agrícolas pelo ramo industrial, o alimento é transformado em mercadoria e sua produção e distribuição sujeitas à regras de mercado. A centralização dos processos de produção de alimentos sob o poder de poucas empresas transnacionais estabelece um determinado monopólio que inviabiliza a existência de formas de produção alternativas à este modelo. O controle das transações de toda a cadeia de produção e distribuição favorece somente as próprias empresas, que enxergam no meio agrícola mais um modo de acumulação de capital e não uma forma de obtenção de alimentos para a população.

A agricultura moderna tem caráter empresarial, pois se baseia em dinamizar os lucros e minimizar as perdas, devendo ser o mais eficiente possível na geração de produtos para o mercado. Para isto utiliza-se de um método de produção em larga escala, monocultivos especializados e mecanizados, dependentes de altas

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

demandas energéticas como a pesada introdução de insumos químicos para suprir a exaustão dos recursos. As poucas empresas que dominam o mercado agrícola hegemonomizam o conhecimento científico e as tecnologias aplicadas ao aperfeiçoamento da produção de alimentos a nível industrial. Este domínio se dá através da apropriação do patrimônio genético, onde plantas modificadas biotecnologicamente geram uma produção dita “eficiente” quando agregada ao uso de agroquímicos específicos produzidos pela mesma empresa. As sementes destas plantas são patenteadas criando uma estrutura de dependência de mercado e tirando a autonomia dos agricultores, isto também prejudica a biodiversidade existente nos cultivos tradicionais.

A principal característica deste sistema é a padronização de toda a cadeia produtiva, tornando ela dependente de uma gama de setores que envolvem insumos, agroquímicos, energia fóssil, maquinário, transporte, biotecnologia, movimentações financeiras, etc. Esta infra-estrutura tecnocrática transforma o agricultor em uma engrenagem deste complexo e o ambiente em uma fonte de recursos a ser explorada. Este moderno sistema apresenta profundas contradições, uma das principais é o fato de que a alta produtividade que o justifica não se sustenta, pois seu processo requer maior quantidade de energia que a contida nos produtos finais, tendo portanto um balanço energético negativo. Um sistema que só se mantém através de subsídios externos para se perpetuar, como a submissão de governos e suas leis trabalhistas e ambientais, assim como investimentos internacionais. Os alimentos produzidos são manipulados industrialmente se tornando mercadorias passíveis de serem consumidas massivamente a preços determinados por especulação financeira e não pelo real custo de produção. Esta padronização dos alimentos alicerçada por cadeias produtivas que desnacionalizam as terras, a produção e o comércio também traz consequências incalculáveis como a destruição dos hábitos alimentares locais, da cultura, da soberania alimentar e ainda oferece riscos para a saúde e prejudicam o meio ambiente. A exclusão social é inerente a este tipo de agricultura convencional, pois é necessária a utilização de grandes propriedades de terra, o que gera a concentração fundiária, marginalização dos pequenos produtores e trabalhadores, culminando na superpopulação urbana vivendo em condições miseráveis, consequência do intenso êxodo rural.

Este modelo de agricultura industrial se afirma através de uma ideologia que se perpetua na sociedade mistificando a sustentação da humanidade por um sistema que se diz eficaz e ao mesmo tempo rentável, mas que são evidentes suas incoerências. Mesmo sendo incoerente e contraditório este modelo só é consolidado na sociedade por favorecer a um determinado grupo que detém o poder político/econômico e assim o fazem através da dominação ideológica. Neste cenário fica evidente a não sustentação da humanidade por este sistema, como afirma Altieri (2000) “A crise agrícola-ecológica existente hoje na maior parte do terceiro mundo resulta do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento”. Assim, percebe-

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

se a necessidade de um novo paradigma de desenvolvimento rural que considere as particularidades locais, a biodiversidade e diferentes relações econômicas e sociais.

Sendo assim, é preciso superar as formas dominantes de produção e suas relações de poder, promover outro modo de organização do campo que integre o desenvolvimento humano em harmonia com os ciclos naturais de maneira totalizante. A agroecologia propõe profundas mudanças no sistema, nas formas de apropriação dos recursos naturais e do uso da terra para a produção. Para tanto reúne conhecimentos multidisciplinares que proporcionam base científica para apoiar a transição de uma agricultura convencional para estilos de agricultura de caráter ecológico, que compatibilizem a viabilidade econômica e a equidade social com a autonomia política.

O desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis constituem a unidade fundamental da agroecologia nos quais os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações sócio-econômicas são vistas e analisadas em seu conjunto, não objetivando a maximização da produção, mas sim uma otimização do sistema como um todo dando ênfase no conhecimento e interpretação das complexas relações existentes neste meio (ALTIERI, 1989). O agroecossistema é uma construção social resultante da coevolução histórica das relações homem-natureza, uma íntima associação do ambiente com a sociedade que o maneja.

A construção e expansão de novos saberes socioambientais integrando os conhecimentos populares a bases científicas, são necessárias para promover as mudanças estruturais, as quais são imprescindíveis para consolidação deste modo de organização social e relação com o ambiente. A transição agroecológica também se fará presente quando o processo de disseminação e consolidação de sua ideologia firmar-se fundamentalmente nos meios educacionais, sejam eles quais forem.

Dito então que terra é a base que sustenta inúmeros seres vivos, pois, é a partir dela que direta ou indiretamente são produzidos todos os alimentos possibilitando a vida, e que conseqüentemente todos deveriam ter acesso a ela e aos produtos dela, caracterizando-a como terra de uso social, mas o que realmente ocorre em nossa atual sociedade é dominação por uma pequena parcela da população da terra e de seus produtos, que são transformados em *commodities* para exportação, onde o lucro se acumula cada vez mais na mão destes que detêm o acesso a terra. Este fato se torna mais uma forma para a dominação e controle de massas, pois o domínio econômico do processo produtivo no campo acaba consentindo na própria dominação da vida.

Com o fim da Segunda Guerra mundial, na década de 40, para que as indústrias de armamento mantivessem o lucro, criaram-se novas formas de escoar a sua produção de agentes químicos e maquinarias revertendo-os para produção de alimentos em grande escala. Esta nova forma de produção de alimentos, a chamada Revolução Verde, mudou completamente o rumo da agricultura no mundo,

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

principalmente dos países em desenvolvimento os quais sofreram uma maior influência. Este fato desencadeou uma gama de problemas socioambientais tais quais o êxodo rural, a degradação da biodiversidade e do solo, a poluição da água, o favorecimento do modo de produção em monoculturas, a insurgência de latifúndios, a produção de alimentos visando a exportação desfavorecendo as economias locais, utilização de biotecnologia transgênica, o controle de mudas e sementes por agroindústrias etc. Neste contexto se faz necessário um novo método de produção que vá de encontro à propostas que não gerem tanto impacto, sustentem o auto-consumo familiar, exclua o uso de agroquímicos, possibilite o controle de sementes e mudas pelos próprios agricultores. Sendo assim, a agroecologia surge como uma ciência que visa diversificar a produção como proposta alternativa à monocultura, tal proposta que tem como princípio a importância da interação entre os seres vivos como uma forma de aprimorar a produção de alimentos, ou seja, a ecologia esta diretamente relacionada com as práticas da agroecologia (GUTERRES, 2006).

“Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes” (CAPRA, 2004). Estes conceitos se trabalhados em propostas educativas podem trazer formas de problematizar as questões relacionadas à terra, para uma compreensão da realidade de maneira holística. Uma proposta de prática não formal condizente com este processo é a ecopedagogia. Pelo fato dela se pautar no desenvolvimento da sensação de pertencimento à natureza e de interconexão da vida e procurar desenvolver capacidades que são sufocadas pela sociedade consumista na qual vivemos. Dentre essas capacidades podemos citar três de grande importância, são elas: capacidade de compreender e recriar o novo contexto socioambiental pelo conhecimento de suas causas e conseqüências; capacidade de relacionar a ecologia do eu com as exigências da nova cidadania ambiental; capacidade de sentir e expressar a vida e a realidade tal como deve ser sentida e vivida. (GUTIÉRREZ; PRADO, 2000). Este trabalho realizado através práticas ecopedagógicas vem de encontro com os argumentos anteriormente citados, incitando a reflexão dos alunos para tais problemas.

3 Descrição da atividade desenvolvida em uma escola publica da região do Norte do Paraná

O Trabalho foi realizado no Colégio Estadual Dário Vellozo, localizado no Jardim Presidente em Londrina, Paraná. Este colégio possui turmas de quinta série até o terceiro ano do ensino médio. A atividade desenvolvida foi direcionada para alunos da quinta e sexta séries, com idades entre 10 e 14 anos.

A prática foi realizada na quadra do colégio, disponibilizando aos alunos um espaço amplo, a céu aberto, com a presença de elementos naturais como grama, árvores, ou seja, um ambiente diferente da sala de aula. O início do trabalho se deu pela percepção de fatos contraditórios presentes na realidade através de uma

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

atividade em que os alunos receberam dois papéis, entregues em momentos diferentes, no primeiro eles escreveram as plantações que se destacam no local onde vivem, foram questionados a escreverem elementos que observaram através de experiência própria, em nenhum momento foi imposto exemplos pré-elaborados que podiam não representar a realidade de casa um. Os exemplos mais citados pelos alunos foram: soja, cana-de-açúcar, trigo. Em um segundo momento foram instruídos a escrever quais alimentos básicos que consomem em seu dia-a-dia, as principais respostas foram: arroz, feijão, diversas hortaliças, e algumas frutas industrializados. Os papéis foram então recolhidos e dispostos em duas colunas, pareadas no chão para fácil análise e visualização, e então foi constatada a discrepância entre o que se planta na região e o que se come, principalmente no dia-a-dia. Tal fato, fez com que os alunos comesçassem a perceber como a produção de alimentos é feita, a partir disto várias questões foram levantadas como: a falta de alimentos para a população, sua distribuição desigual na sociedade e para onde está indo toda essa soja, cana-de-açúcar? O diálogo começou pautado nestas contradições aparentes e mais visíveis, elementos como o uso social da terra implantado em nossa constituição, mas não cumprido também foi discutido. Outras contradições tratando do modo de produção atual como as monoculturas, degradação do solo, uso de agroquímicos e suas conseqüências para o meio ambiente e saúde animal foram inseridas no diálogo dando um enfoque sócio-ecológico, pautado em proposições científicas. Após esta etapa os alunos foram levados a uma situação problema, através de um método lúdico onde os alunos fecharam os olhos, e uma outra realidade foi descrita: um futuro, como se o planeta não mais tivesse terras agricultáveis, água totalmente poluída com uma mínima parcela tendo acesso à água potável e alimentos de qualidade, todos esses problemas seriam conseqüências da manutenção do sistema de produção atual. Foi pedido para que cada um então descrevesse suas sensações e o que mais eles cressem que poderia ocorrer nestas condições. Os alunos então descreveram cenas que vieram em suas mente. Foi entregue então giz de cera, lápis de cor e canetões coloridos para os alunos desenharem este mundo, e as possíveis soluções. Este espaço foi dado como um espaço de sensibilização para despertar a vontade de mudança nos alunos.

Como a ecopedagogia implica em um contato maior com a terra e o meio ambiente para criar uma sensação de pertencimento à natureza (GADOTTI,1999), foi executada uma prática de construção de uma horta suspensa. Para tal foram utilizados materiais como garrafa pet, fios tanto barbante quanto “varal”, terra, pás de jardinagem, e sementes diversas, neste caso, manjerição, pimenta orégano, salsa e cebolinha plantas de hábito herbáceo, já que o jardim suspenso seria construído com garrafas “pet”. Através desta atividade os alunos tiveram um maior contato com a terra, e virão com as plantas consumidas no cotidiano podem ser plantadas levando-os a pensar em diferentes modos de cultivo, sem agroquímicos, e no reaproveitamento do lixo orgânico em processos de compostagem. Porém foi

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

explicitado com grande ênfase que apenas estas ações isoladamente não modificam em nada a realidade, mas sim se analisadas em conjunto como forma alternativa ao modelo econômico vigente, e colocadas em confronto com o mesmo, pode representar transformações significativas no modo de pensar e refletir as questões agrárias. Esta prática foi também pauta de discussão sobre os elementos essenciais ao cultivo de vegetais, que podem servir de alimentos, como água e adubos orgânicos, que podem ser tratados e produzidos pelos próprios alunos.

4 Discussão

O ambiente escolhido para a realização da atividade propiciou um maior interesse por parte dos alunos, por se tratar de um local diferente da rotina habitual com a qual estão acostumados: quatro paredes, carteiras e cadeiras. Este maior interesse contribuiu para obter mais facilmente a atenção de todos para a realização das atividades, que se mostraram curiosos em relação às atividades. Com a contradição gerada a partir da observação dos alimentos consumidos e dos alimentos que são cultivados em grande escala, a exemplo das monoculturas de soja presentes em larga escala nesta região do Paraná, foi possível constatar uma maior curiosidade e compreensão dos alunos sobre a problemática, e posteriormente verificou-se a formação de um diálogo coletivizado. O método de visualização da situação problema proposto foi bem aceito, pois os alunos utilizaram-se da imaginação e criatividade, algo que infelizmente está cada vez mais em desuso. Notou-se neste momento uma grande interação entre eles nas elaborações das soluções que poderiam ser obtidas no mundo fictício.

Em todos os momentos a atuação dos facilitadores foi de vital importância para o andamento e direcionamento das discussões, principalmente para dar início aos diálogos, tendo em vista que a forma vigente de educação não incentiva a este tipo de contato entre os alunos, conseqüentemente estes apresentam certa dificuldade nestes tipos de atividades. Foi observada durante a construção da horta suspensa a satisfação dos alunos pelo trabalho coletivo e por estar em contato com a terra, promovendo plantio de sementes e mudas. Fica evidente que este tipo de proposta educativa gera a apreensão de valores propostos pela ecopedagogia, como a percepção da realidade e da natureza de forma participativa e lúdica, porém concreta através das vivências práticas e das metodologias conscientizadoras dirigidas por atividades não formais.

Bibliografia

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª edição. São Paulo /SP: Schwarcz, 2009.

GUTERRES, Ivani. **Agroecologia Militante**. São Paulo/SP: Expressão Popular, 2006.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1999.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. 9ª edição. São Paulo/SP: Pensamento-Cultrix, 2004.

GADOTTI, Moacir **Perspectivas atuais da educação** (Porto Alegre: Artes Médicas), 1999.